Resenha de Obra

João Claudio Arendt*

RUFFATO, Luiz (Org.). *48 contos paranaenses*. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 2014. 404p.

As antologias constituem veículos importantes de acesso à leitura literária, especialmente pelo papel que desempenham na formação de um público leitor e pela possibilidade que abrem para uma visão mais panorâmica sobre um gênero, um autor ou uma literatura. Mesmo criadas com objetivos específicos e calcadas em critérios sempre justificáveis pelo organizador, as antologias costumam sofrer do irremediável mal da "seleção exclusiva", provocando polêmica entre escritores e estudiosos de literatura. Mas o papel de um antologista, a despeito das críticas que venha a sofrer, parece ser o de escolher obras e autores, e fixá-los para a posteridade.

Deduz-se daí que não existe uma antologia ideal, capaz de abarcar a totalidade da produção eleita. E é exatamente isso que se lê na apresentação de Luiz Ruffato à coletânea *48 contos paranaenses*:

> Procurei trazer para as páginas que se seguem o mais amplo espectro da produção contística paranaense, desde o primeiro texto em prosa de ficção, presente no livro de Lúcio Pereira, *Contos paranenses*, de 1896, até um conto inédito em livro do jovem Thiago Tizzot. Para os autores contemporâneos, incluí apenas os que já houvessem publicado pelo menos um título, de qualquer gênero, e que tivessem nascido até 1980. (p.19)

Aí estão critérios do antologista a dirimir qualquer dúvida que se lance sobre uma suposta impessoalidade na escolha dos autores da coletânea por ele organizada. A obra procura abranger desde os textos fundadores da literatura paranaense até as produções atuais e inéditas, totalizando quarenta e oito autores.

* Universidade de Caxias do Sul.

Ainda assim, alguém reclamará da ausência deste ou daquele autor, que por esta ou por aquela razão poderia ter arredondado para 50 o número de contos da seleta paranaense. Mais uma vez, o responsável pela coletânea justifica: "não é lapso ou implicância" (p.19). Existiram, segundo ele, obstáculos intransponíveis, como "a impossibilidade de encontrar os herdeiros de determinado escritor" e a "irredutibilidade na negociação dos direitos com os herdeiros ou com o próprio autor" (p.19).Portanto, expostos os critérios utilizados, parece não haver nenhuma brecha para questioná-los.

Há um aspecto, no entanto, que chama a atenção de maneira especial: a relação entre a origem dos autores (o local nascimento, por exemplo) e a constituição de uma literatura paranaense. Ruffato considera como conto paranaense a produção de escritores que tenham nascido no Paraná ou que tenham migrado para os seus limites geográficos. Esse é um critério que não se questiona, mas que pode ser discutido.

Comecemos com outra antologia: na década de 1950, Ernani Silva Bruno organizou uma coleção intitulada "Histórias e paisagens do Brasil", com a qual procurou levar ao grande público, por meio de "leitura fácil e atraente" (BRUNO, 1959, p.9), um conjunto de dez antologias que tratassem da cultura das diferentes regiões brasileiras, dentre as quais o volume VII é inteiramente dedicado à região "Pinheirais e Marinhas", isto é, Paraná e Santa Catarina. O objetivo "de documentar a existência de cada região" (BRUNO, 1959, p.11) concretizou-se em volumes que fossem, na visão do compilador, "menos antologias da literatura de cada região, do que antologias de cada região através da literatura" (BRUNO, 1959, p.11).

Nisso reside a diferença entre as antologias de Luiz Ruffato e Ernani Silva Bruno. O primeiro toma o critério geográfico da localização dos autores para compor a sua antologia paranaense, ao passo que o segundo utiliza o critério temático para a escolha dos autores a comporem seu florilégio da região dos Pinheirais. Apropriando-nos de categorias formuladas por Jens Stüben (2013) acerca da literatura regional, é possível afirmar que uma antologia composta pela literatura produzida na região é diferente de uma antologia com a literatura produzida *sobre* a região. A literatura em uma região diz respeito, por exemplo, a um sistema literário regional constituído por obras, autores e público, independentemente de os textos abordarem temas locais – como é o caso de *48 contos paranaenses*. Já o volume "Pinheirais e Marinhas" veicula narrativas de viagem, crônicas, reminiscências, contos e capítulos de romances, cujas temáticas repousam *sobre* a região.

Feita essa distinção, o olhar recai sobre a delimitação geográfica da antologia, especialmente para o adjetivo "paranaense". Ruffato afirma, na apresentação ao livro, que a reunião de textos deve proporcionar uma imagem panorâmica da produção contística do estado do Paraná, desde as

suas origens, no século XIX, até a atualidade. Para tal, ele faz inclusive "um pouco de história" (p.11), trazendo à tona momentos importantes da vida literária paranaense, como o surgimento de autores, a publicação de obras, a criação de revistas e jornais literários, a promoção de eventos e concursos etc. Reside aí uma novidade no modo de Ruffato historiar a literatura, já que a ênfase em obras e autores é dividida com outros aspectos da vida literária e intelectual. Ou seja, o antologista aponta para a existência de um sistema literário regional constituído por uma rede de relações armada com diversos elementos, que não apenas obras e autores.

Entretanto, o adjetivo "paranaense", tanto na apresentação quanto no corpo da seleta de contos, praticamente desaparece ou se dilui sob o epíteto "Curitiba", tamanha a força centralizadora que a capital parece exercer sobre a literatura produzida no estado. Os principais eventos literários que tomaram, desde o início, lugar em Curitiba e são citados por Ruffato são os seguintes: a revista *Cenáculo* (1895), o jornal *Tingui* (1940), a revista *Joaquim* (1946), o Concurso de Contos do Paraná (1967), a Editora Cooperativa de Escritores (197-), os jornais *Nicolau* (1987), *Rascunho* (2000) e *Candido* (2011). A única revista surgida fora da capital e mencionada por Ruffato é a *Coyote* (2002), de Londrina.

Conforme o organizador da antologia, se na década de 1980 "Curitiba reunia [...] alguns dos nomes mais expressivos da literatura brasileira" (p.18), a cidade é hoje "sem dúvida alguma, ao lado de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, um dos mais importantes polos de produção da literatura brasileira" (p.18). Mesmo tendo ciência de que o termo "regionalidade" remete à "circunscrição de uma cultura a um determinado espaço geográfico" (p.11), Ruffato parece compreender Curitiba como metonímia do Paraná. Para reforçar esse dado, registre-se que apenas 12 dos 48 autores selecionados para integrar a seleta não nasceram, moraram ou vive(ra)m em Curitiba, somando, assim, apenas ¼ de toda a produção contística paranaense.

Que fique claro aqui que não estamos acusando o antologista Ruffato de assumir atitude centralizadora, mas apenas constatando que a região paranaense parece possuir um eixo central no que diz respeito à produção, circulação e recepção literárias. Esse fato é comum em (sub)sistemas literários do mundo inteiro, já que os espaços com melhores condições materiais costumam abrigar mais autores, editoras e público receptor. E Curitiba cumpre esse papel em razão do seu bom grau de desenvolvimento literário, impedindo a formação de uma literatura paranaense mais pluricêntrica.

Se essa é hoje a cena literária paranaense, forças históricas e políticas não explicitadas por Ruffato certamente atuaram para tal configuração. A capital de um estado, enquanto centro político, econômico e cultural, tem o poder de reunir em número maior as condições, métodos e meios de di-

fusão da literatura, as instituições culturais, a imprensa (jornais, revistas, calendários, almanaques), as editoras, as bibliotecas, o comércio livreiro, as associações de escritores, as sociedades culturais, os círculos de leitura, os salões, os saraus etc. (STÜBEN, 2013).

Em tempos de questionamento do cânone literário e de reorganização dos espaços culturais, com vista à visibilidade, por exemplo, do marginal, do periférico e do regional em oposição ao central, ao nacional e ao global, a antologia de Ruffato pode ser responsável pelo desenho de uma nova paisagem literária paranaense – a menos, é claro, que a nuvem em forma de mapa do Paraná, sobre a qual se assenta a imagem de um escritor, na capa do livro, não seja vista como sintoma de um novo tipo de regionalismo, isto é, um projeto de oposição a outras regiões brasileiras ou de insulação contra as forças globalizadoras do século XXI.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Ernani Silva (Org). *Pinheirais e marinhas*: Paraná e Santa Catarina. Vol. VII. São Paulo: Cultrix, 1959. (Coleção Histórias e Paisagens do Brasil).

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gérson Roberto. *Regionalismus – regionalismos:* subsídios para um novo debate. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.

Submetido em: 22/09/2014

Aceito em: 10/10/2014